

O SABER HISTÓRICO E O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DO ENSINO ESCOLAR DA HISTÓRIA.

Luiz Carlos Bento¹

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo pensar as possibilidades do Ensino de História e sua relevância para a formação cultural possibilitada pelo ensino escolar da história, dando ênfase para a responsabilidade social contida na disciplina de História, dentro e fora do âmbito escolar. Para compreendermos as possibilidades e as demandas sócias que permeiam o ensino escolar da história tornou-se importante fazer uma reflexão sobre a Lei de Diretrizes e Bases em conjunto com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, que em conjunto estabelecem alguns conceitos estruturadores para o Ensino de História. Consideramos que, aprender e ensinar História vai muito além dos muros das escolas, entendendo-o como um aprendizado para vida, dessa forma, uma reflexão sobre o ensino escolar da história, de seus conceitos e preocupações estruturantes atende a uma busca pela compreensão do papel exercido pelo conhecimento histórico nas sociedades contemporâneas, marcadas profundamente pelos impactos causados pelas inovações técnicas e tecnológicas que instituem novas linguagens e necessidades para os indivíduos, com as quais eles passam a ter que lidar buscando significá-las temporalmente, dando a elas um sentido.

PALAVRAS CHAVES: Saber Histórico, Ensino de História e Compreensão Histórica.

ABSTRACT:

This article aims to think about the possibilities of teaching history and its relevance to the cultural education made possible by the school of history, giving emphasis to the social responsibility contained in the discipline of History, inside and outside the school context. To understand the possibilities and demands partners that permeate the school education of history became important to a reflection on the law of guidelines and Bases in conjunction with the National curricular parameters, which together establish some structuring concepts for teaching History. We think, learn and teach history goes far beyond the walls of schools, understanding it as a learning for life, thus, a reflection on the education of history, of its concepts and structural concerns caters to a quest for understanding of the role exercised by the historical knowledge in contemporary societies, marked deeply by the impacts.

KEYS-WORD: Know history, history Education and Historic Understanding.

1.0. Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o Ensino de História, buscando uma compreensão de sua funcionalidade através de uma reflexão sobre suas temáticas, trazendo ideias de autores reconhecidos no meio educacional, e buscando pensar o desenvolvendo de novos conceitos no desenvolvimento da atividade docente.

Com o intuito de conhecer novos sentidos que permeiam o Ensino de História, estabelecemos um diálogo com a obra - *Ensinar História*, da autora Maria Auxiliadora Schimidt e Marlene Cainelle, que busca retratar o Ensino de História desde o início de

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás e Professor de História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

sua construção como disciplina, no século XIX no Brasil, até a construção de novos caminhos traçados ao ensino da história no país, visando pensá-la como um processo formativo. Dessa forma, visamos destacar o processo de ensinar História, como uma dinâmica que visa colocar professores e alunos como sujeitos da História, pensando o aluno não somente como um aprendiz, mas como produtor de conhecimento.

Nessa perspectiva de pesquisa também dialogamos com a obra *“Ensino de História: Fundamentos e Métodos”*, da autora Circe Maria Fernandes Bittencourt, que propõe uma análise preocupada em definir e compreender o caráter ideológico da forma como a disciplina foi institucionalizada no país. Diante da necessidade de mudanças no ensino de História relacionamos estudos desenvolvidos pela autora Circe Bittencourt, que em uma junção de saberes de vários autores desenvolveu sua obra, *“O saber histórico na sala de aula”*, analisando as mudanças que contribuíram para a melhoria do ensino de História, abordando as ferramentas que podem ser utilizadas, assim como o espaço obtido pelo professor nas salas de aula.

Trabalhar o ensino de História nos remete a relacionar novos caminhos, buscando novos sentidos às aulas, nessa perspectiva fizemos algumas apropriações em relação a obra organizada por Carla Bassanezi Pinsky, *“Novos temas nas aulas de História”*, que dialoga com alguns temas atuais, com olhos voltados para os interesses dos alunos e a responsabilidade social que existe no ensino de História. Pinsky, retrata posicionamentos para as aulas de História com conteúdos contemporâneos, para um subsídio formativo, como o estudo de gênero, os direitos humanos, a cultura, a ciência e tecnologias transformando as aulas em ferramentas para o convívio social.

Em linhas gerais, este artigo busca fazer uma discussão sobre o ensino de História, focando no papel construtivo e interacionista do professor, enfatizando os conteúdos trabalhados em sala de aula e sua importância fora do âmbito escolar, propondo uma discussão que nos remete a compreender o processo de formação histórica dos indivíduos possibilitada pelo acesso ao ensino formal da história.

Com esse objetivo buscamos analisar os novos temas propostos nas aulas de História, onde se inseri reflexões de diversas temáticas, buscando considerar a importância das Leis de Diretrizes e Bases em conjunto com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, que estabelecem alguns subsídios estruturadores para o Ensino de História.

2.0. Ensino de História, Desafios e possibilidades de um Saber Fazer.

Trazer conteúdos históricos eleitos atualmente, assim como pensar a educação histórica em uma sociedade no início do século XXI, como ressalta a pesquisadora Isabel Barca:

[...] é tarefa complexa, e como sempre, polêmica. É complexa porque não basta passar a crianças e jovens o conteúdo que seus pais aprenderam, na escola e fora dela, como pensamento único de um determinado grupo influente. (BARCA, v.7,n.1,pp.5-9, Jan/ Jun 2007 p.05).

Isso faz com que o educador tenha que ir muito além do que era ensinado tradicionalmente nos currículos das escolas, em especial na disciplina de história nas décadas passadas, pois os ensinamentos trazem sempre junto a seus conteúdos orientações formativas ao indivíduo. Dessa forma, para se pensar o ensino de história hoje; temos que vencer o desafio de criar novas maneiras de formar e capacitar às novas gerações de nossa sociedade, considerando que é necessário trabalhar com as mentalidades de diferentes grupos sociais e com múltiplas informações que permeiam a vida social em uma época profundamente marcada pelo impacto de novas tecnologias que aceleram e dinamizam as relações entre pessoas, grupos e instituições, possibilitando um acesso múltiplo e variável a fontes diversas de informação que também ajudam a compor a consciência histórica de grupos e de indivíduos.

Diante dessas mudanças no ensino de História podem ser relacionados os estudos desenvolvidos pela autora Circe Bittencourt (2012), que destacam a importância de se refletir sobre a formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. Apontando para o fato de que essa relação entre os profissionais de história em sala de aula já fazem parte de debates e encontros há alguns anos, que segundo Maria Auxiliadora Schmidt significa que:

Mudanças foram sentidas e devemos nos congratular com todos os que, individual ou coletivamente, contribuíram e têm contribuído para a melhoria do ensino de História em todos os níveis. No entanto, no que se refere à prática cotidiana do professor de 1º e 2º graus, isto é, àquela instância denominada sala de aula, de um modo geral as mudanças ainda não são satisfatórias. (BITTENCOURT, 2012, p. 55).

Nesse sentido podemos analisar que mesmo com diversas mudanças, a educação e o ensino de história atualmente tem muitos aspectos que podem ser mais bem trabalhados. Um bom caminho é a reflexão sobre o espaço que a universidade propõe aos acadêmicos, através dos estágios na graduação, onde podem ser observados às

estruturas e a atuação dos profissionais que atuam na prática educativa, que tendem a todo o momento estarem frente a frente com os problemas estruturais da educação, que, no entanto são considerados de forma estática como fruto da educação brasileira por parte das autoridades governamentais, onde geram acima de tudo desencontros com o sentido do que deveria ser ensinar a história. Os professores em grande parte se tornam reféns das dificuldades, pois trazem de sua formação bagagens a serem transpostas na sala de aula, e não recebem os devidos meios a serem utilizados, pois para se tornar um profissional de História significa observar que:

A sua formação não se restringe a um curso de História, engloba ainda áreas das Ciências Humanas, como Filosofia, Ciências Sociais etc. Em geral, essa formação começa e termina no curso de graduação. Formado, o professor de História, como tantos outros, envolve-se com encargos familiares, com a luta pela sobrevivência e quase sempre não dispõe de tempo nem de dinheiro para investir em sua qualificação profissional. Seu cotidiano é preenchido com múltiplas tarefas; seu tempo de viver é fragmentado, dilacerado pelas preocupações muitas vezes contraditórias entre sua profissão, família e progresso cultural. (BITTENCOURT, 2012, p. 55).

Nesse contexto observa-se que o professor de História tende a se preocupar não somente com a sala de aula e seus alunos, mas com o que o envolve socialmente perante os desequilíbrios presentes em sua vida. Sendo que

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática. (BITTENCOURT, 2012, p. 57).

O ensino de História deveria passar a ser algo que levasse o aluno a constituir mudanças em seu pensamento, fazendo com que seja necessário dar-se mais importância ao ensino a ele proposto. O professor é o autor desse contexto que direciona o aluno a inserção de novas ideias e novos caminhos. Pois “a sala de aula não é apenas um espaço onde transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos.” (BITTENCOURT, 2012, p. 57). Como uma prática racionalmente orientada, o ensino de história deve possibilitar a apreensão de conceitos e categorias que permitam os estudantes pensar historicamente o processo de construção histórico-social de seus próprios meios sociais, produzindo uma compreensão crítica da vida humana e de si mesmos que é fundamental para a efetivação de suas visões históricas de mundo. Mas se o professor como peça chave dessa prática racionalmente orientada não estiver

em plena interação com os objetivos do ensino de história, o processo de aprendizagem histórica, fica comprometido. E as aulas de história perdem o seu sentido formador.

Nesse caminho, visando à reflexão sobre a produção de novos sentidos, procuramos buscar relações com os temas atualizados que deveriam ser abordados na sala de aula, onde nos deparamos com a obra organizada por Carla Bassanezi Pinsky, que faz uma reflexão sobre os novos temas nas aulas de história, que em uma breve introdução destaca que aquela. “velha História de fatos e nomes já foi substituída pela História social e Cultural.” (PINSKY, 2010. p. 09).

Nessa obra a autora fala da necessidade de construção de uma nova roupagem para as aulas de história, que revelam questões que competem à atualidade e que se não estão inseridas nas salas de aulas, deveriam estar, revelando uma renovação na proposta de ensino que deverá partir do intuito de promover mudanças para que os alunos sejam capazes de no mínimo compreenderem seus cotidianos a partir de uma reflexão histórica.

Em resposta aos novos temas nas aulas de História a autora propõe a reflexão de diversas temáticas, sendo elas; questões sociais, direitos humanos, relações de gênero, corpo, alimentação, novas biografias, ciência e tecnologia, História Regional e a História Integrada, na busca de fazer uma pesquisa que revela o que os alunos adquirem de conhecimento nas aulas de História, e o que é aproveitado por eles em seu cotidiano fora do âmbito escolar, não poderia deixar de conhecer novas propostas que deveriam ser articuladas as aulas de História, nos dias atuais.

O livro *Novos temas nas aulas de História*, “possui um foco duplo: o interesse do aluno e a responsabilidade social do ensino de história.”. (PINSKY, 2010. p. 09). Observando a importância da disciplina de história na vida do aluno, buscam-se respostas para trabalhar novos temas. Dentre os temas propostos, focamos maior atenção em alguns que podem ser trabalhado com os alunos, ajudando na construção social, adquirindo novas ideias e direcionamentos. Pinsky faz um posicionamento para as relações de Gênero, onde,

[...] desde que ficou claro que as relações de gênero são uma dimensão importantíssima das relações sociais. Tal lacuna é grave, pois um olhar atento a questões de gênero enriqueceria muito as aulas de História. Atenção, porém: o importante não é o aluno aprender a

palavra gênero com um novo sentido, mas entender e saber usar o conceito corretamente. (PINSKY, 2010, p. 29).

Visto que o termo gênero, por sua vez, faz referência a uma construção cultural, é uma forma de enfatizar o caráter social e, com um sentido histórico, das concepções baseadas nas percepções das diferenças sexuais. Podemos observar nas entrelinhas da obra os diferentes aspectos que podem e até devem ser trabalhados nas aulas de História, com intuito de enriquecer e preparar os alunos para um melhor convívio social. Na visão de Pinsky.

Gênero trata da construção social da diferença sexual. Quando adotamos a perspectiva de gênero, estamos pensando nas maneiras como as sociedades entendem, por exemplo, o que é “ser homem” e “ser mulher”, e o que é que consideram “masculino” e “feminino”. Tratamos essas noções como conceitos históricos. (PINSKY, 2010, p. 31).

Questões estas que necessitam de um olhar especial dos professores, para transpor esse saber amplo e fundamental. “capacitar os estudantes para perceber a historicidade de concepções, mentalidades, práticas e formas de relações sociais é justamente uma das principais funções das aulas de História.” (PINSKY, 2010. P. 32). Funções que podem ser trabalhadas com intuito de obter resultados que transformem o olhar do aluno, na sala de aula e que transforme suas capacidades para as mudanças sociais, pois vivemos em um mundo em transformação.

Ao relacionar alguns dos novos temas que são propostos atualmente ao ensino de História, é sempre relevante se destacar assuntos tais como: direitos humanos, a cultura, a ciência e tecnologias que fazem com que o ensino desenvolva novos olhares no convívio social onde:

Acredito que uma “educação em direitos humanos” – em particular, uma “educação histórica em direitos humanos”- seja não apenas importante para o estudante no que diz respeito aos temas trabalhados em sala de aula como também imprescindível para a sua formação como sujeito de direitos, ou seja, para a sua formação como cidadão, pois, sem o conhecimento dos seus direitos reconhecidos legalmente pelo Estado, ou sem a consciência crítica que o estimule à luta por novos direitos legitimamente aceitos pela sociedade, o estudante (na verdade, qualquer indivíduo) dificilmente poderá ultrapassar as barreiras existentes à sua inclusão numa comunidade política. (PINSKY, 2010, p. 57).

Trazer temas atuais como esse acima mencionado é fundamental para a formação dos estudantes, pois é na sala de aula que é constituído uma linguagem conceitual, forjada na obtenção de conceitos e categorias históricas, que os alunos levam para o convívio social, produzindo um aprendizado que torna-se fundamental em seus cotidianos, constituindo-se numa das vias principais para a sua formação como cidadãos.

Portanto nesse contexto observamos que a escola, e em especial, o profissional de História, exercem funções formativas importantíssimas para o desenvolvimento de uma consciência histórica capaz de fazer com que os indivíduos sejam capazes de se entender temporalmente e de pensar a construção histórica de suas vidas de uma forma mais qualificada e abrangente.

3.0. A Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros curriculares Nacionais do Ensino Médio: subsídios estruturadores para o Ensino de História.

Considerando os objetivos anteriormente expostos, torna-se importante uma reflexão sobre as condições atuais, que são legalmente impostas a prática do ensino de História, da forma como este está prescrito na legislação vigente, a LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, estabelecendo um princípio ordenador a partir do qual o ensino da história deve se ajustar enquanto saber escolar. Visto que; “partindo dos princípios da LDB, o Ministério da Educação, num trabalho conjunto com educadores de todo país, chegou a um novo perfil para o currículo [...]”. (PCNME, 2000, p.04). Onde buscam dar significado ao conhecimento escolar com incentivo aos educandos, e a necessidade de aprendizado, criando assim os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN que são:

Referências para os Ensinos Fundamental e Médio de todo o país. O objetivo dos PCN é garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. Não possuem caráter de obrigatoriedade e, portanto, pressupõe-se que serão adaptados às peculiaridades locais. A própria comunidade escolar de todo o país já está ciente de que os PCN não são uma coleção de regras que pretendem ditar o que os professores devem ou não fazer. É isso sim, uma referência para a transformação de objetivos, conteúdos e didática do ensino. (LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL- PCN).

Após a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais foi estabelecida uma reforma educacional, priorizando

transformações e mudanças de qualidade, devido em especial ao aumento habitacional e a expansão do ensino, incentivando mudanças e a construção de novas estruturas para o sistema escolar nacional. Desta forma;

O Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Média e Tecnologia, organizou, na atual administração, o projeto de reforma do Ensino Médio como parte de uma política mais geral de desenvolvimento social, que prioriza as ações na área da educação. (PCNEM, 2000, p.05).

Todavia esse projeto foi criado pelo Brasil, como proposta para tentar superar, o quadro de desvantagem na educação, em relação aos índices de nível de conhecimento, que existem nos países desenvolvidos. Observamos os intermédios que foram criados em função dessa nova reforma educacional e;

É possível afirmar que, nas próximas décadas, a educação vá se transformar mais rapidamente do que em muitas outras, em função de uma nova compreensão teórica sobre o papel da escola, estimulada pela incorporação das novas tecnologias. (PCNEM, 2000, p.05).

Isso porque, as novas tecnologias vêm sendo atribuídas como instrumentos educacionais, beneficiando os educandos e, sobretudo os professores trazendo novos direcionamentos no ensino. Nesse projeto criado para dar sustentação para um projeto de um novo Ensino Médio, caracteriza que;

Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisa-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. (PCNEM, 2000, p.05).

Trazendo com isso novos direcionamentos, trabalhados atualmente, no desenvolvimento de questões que envolvem o meio social, capacitando assim os alunos para um sentido crítico, com novos olhares para o mundo.

“Definiu-se que, para a formulação de uma nova concepção do Ensino Médio, seria fundamental a participação de professores e técnicos de diferentes níveis de ensino.” (PCN, 2000, p.07). Fazendo com que os professores e técnicos passassem a fazer parte do ambiente, colaborando no novo processo educacional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional transmite que o Ensino Médio é, “[...] etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos [...]” (Art. 35. Lei nº 9.394/96). Fazendo com que o aluno tenha novas funções após sua formação básica, para uma nova formação que o dirija ao mercado profissional, mediante as

experiências já vividas, pois ainda no ensino básico ele já precisa receber uma preparação para o trabalho e a cidadania, para que o mesmo dê continuidade adquirindo novas capacidades.

Estabelecendo alguns conceitos estruturadores do Ensino de História, nos remetemos aos caminhos estabelecidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que enfocam;

O passado visto como histórico nos permite organizar as experiências humanas em formações sociais distintas, identificando as diferentes velocidades das transformações e as várias temporalidades inseridas nos acontecimentos. Na história, vista com um processo, os acontecimentos sociais são resultantes de um conjunto de ações humanas interligadas, de duração variável, sucessivas e simultâneas, em vários espaços do convívio social, motivadas por desejos ou necessidades de mudança ou de resistência, pela busca de soluções de problemas, por disputas e confrontos entre agrupamentos de indivíduos, o que gera tensões, conflitos e rupturas e delinea os movimentos da transformação histórica. (PCNEM, p.70).

Referindo o passado como um processo construído pelas ações humanas, em diferentes épocas e espaços, individualmente, onde os indivíduos criam seu próprio contexto assim comumente com o que lhes envolve, na história observamos que é fruto de contexto pluralizado, determinando os fatos com mudanças voluntárias ou não fazem com que ocorram a todo o momento transformações geradas em resultado das ações.

A nova proposta curricular dos PCN trazem competências específicas do Ensino de História, que sejam desenvolvidos nas escolas tais como; “Criticar, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa, reconhecendo o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e dos diferentes contextos envolvidos em sua produção.” (PCNEM, p.74). Podendo ser trabalhado com fontes diversas, o ensino de História remete aos alunos várias maneiras de dialogar com o mundo, desenvolvendo a capacidade crítica necessária para compreender os acontecimentos vividos.

Busca-se no ensino de História uma contextualização sociocultural, onde deve ser inserido nas aulas; “Situar as diversas produções da cultura – as linguagens, as artes, a filosofia, a religião, as ciências, as tecnologias e outras manifestações sociais – nos contextos históricos de sua constituição e significação.” (PCNEM, p.75). O Ensino de História se interliga a outras disciplinas, fazendo uma linguagem dos contextos introduzidos no cotidiano escolar, desenvolvendo a ele novas maneiras de representações.

Faz parte do Ensino de História de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio;

Introduzir na sala de aula o debate sobre o significado de festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos e áreas preservadas, permeia a compreensão do papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana. Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. (PCNEM, 1999, p.306).

Com isso o docente, se encarrega de transformar algumas aulas em verdadeiras experiências, fazendo com que os alunos levem esse contato aprendido fora da sala de aula, para toda sua vivência, aprendendo com essas aulas novas linguagens significativas, responsáveis para um retorno crítico aberto ao mundo.

4.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das perspectivas contidas neste trabalho, e dos estudos que envolveram as abordagens aqui mencionadas sobre o Ensino de História, pretende-se demonstrar que Ensinar e Aprender História vai muito além das salas de aulas, trata-se do esforço de constituir um aprendizado histórico que direciona o indivíduo a percorrer um caminho de conhecimento em um sentido formativo para a vida.

Os estudos contemporâneos que envolvem o Ensino de História, diante de suas limitações possuem características a tempo estudadas, que nos direcionam a novas abordagens, trazendo novos conceitos, e assim percebemos a responsabilidade de desenvolver mudanças no cotidiano escolar. Visto que a educação brasileira clama por transformações, baseadas, sobretudo no aprendizado que devemos buscar a todo instante de nós mesmos enquanto sociedade e também como indivíduos.

Assim como argumenta Jörn Rüsen (2001), o estudo sobre consciência histórica nos remete a entendermos o tempo presente diante dos acontecimentos passados em função de um possível futuro, nos instruindo como seres humanos, fazendo assim parte de nossas vidas, quer o indivíduo tenha ou não consciência desse processo.

Este artigo teve o intuito de analisar novas formas de trabalhar o Ensino de História, buscando uma compreensão do papel desempenhado em sala de aula para a formação da consciência histórica dos indivíduos, mas chamando atenção para o fato de que as aulas de história e até mesmo a escola, representam apenas uma pequena parcela deste processo. Essa busca teórica visa reivindicar a necessidade de elaboração de um olhar mais crítico diante das dimensões que o ensino de História pode fornecer, observando que o papel do profissional de História vai além de passar seus conhecimentos, requer muita atenção e dedicação dentro ou fora do ambiente escolar.

Portanto podemos considerar que envolver-se com o Ensino de História, é ir além de um aprendizado escolar, é um conhecimento destinado a buscar a compreensão do processo formativo das sociedades humanas no tempo e significa entre outras coisas, a busca por um saber crítico em uma sociedade carente de educação, rica em informação, mas cada vez mais subordinada às precariedades do ensino, por isso nós como estudantes e profissionais do ensino, temos a responsabilidade de atuar para desenvolver o melhor papel dentro ou fora dos ambientes formais de aprendizagem, o que implica a necessidade de buscar a superação de inúmeras dificuldades estruturais que dificultam o processo.

Referências Bibliográficas

BARCA, Isabel. *A Educação Histórica numa Sociedade Aberta: Currículo sem Fronteiras*. v. 7. N. 1, pp. 05-09, Jan/Jun 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *O Saber Histórico na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2012.

CERRI, Luis Fernando. *Ensino de História e Consciência Histórica: Implicações Didáticas de uma Discussão Contemporânea*. Rio de Janeiro, FGD, 2011.

GUIMARÃES, Selva. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizado*. Campinas, Papirus, 2003.

NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeci Lopes de. *Aprender com a História? O passado e o futuro de uma questão*. FGV, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi (org) *Novos Temas nas Aulas de História*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: Os Fundamentos da Ciência Histórica*. Editora UNB, 2001.

SADDI, Rafael. *A didática da História como Sub-disciplina da ciência histórica*. História e Ensino. Londrina, v. 16, b.1, pp. 61-80, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. 2ª Edição, São Paulo: Scipione, 2009.